

“SOB O SINAL DA CRUZ!”

NA ILHA DE VERA CRUZ

O sol dourava a areia e convidava a sucessivos mergulhos nas águas cálidas da Costa do Descobrimento, em janeiro de 2016. Entre os que caminhavam pela orla, encontravam-se este autor e um querido amigo. Haviam partido de Mutá, em Porto Seguro, admiravam e desfrutavam da belíssima paisagem. Eis que, ao chegarem a Coroa Vermelha, vislumbraram elegante, grandiosa e eloquente cruz que tão bem transmite a mensagem do monumento comemorativo aos quinhentos anos do descobrimento do Brasil.

Naquele mesmo sítio, em 26 de abril de 1500¹, *“domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os Capitães que se arranjassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão... e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse Padre Frei Henrique... Ali estava com o Capitão a bandeira [da Ordem de Cavalaria] de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre bem alta, da parte do Evangelho²”*.

Vieram-me à mente as palavras com que Caminha encerrou sua célebre carta, a certidão de batismo de nossa pátria: *“Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500³”*. O Brasil fora abençoado no berço ao nascer sob o sinal da cruz: no altar, na bandeira da Ordem de Cristo e em seu primeiro nome, pouco depois mudado para Terra de Santa Cruz.

Coroa Vermelha é, atualmente, distrito de Santa Cruz Cabralia, município cujo nome eternizou o símbolo sagrado que tem protegido nosso país por mais de quinhentos anos. Turistas brasileiros e estrangeiros revezam-se para fotografias aos pés daquela cruz monumental que nos atraíra e celebra data tão significativa para a nação verde-e-amarela. Em sua base lê-se que: *“Aqui, a 26 de abril de 2000, Ângelo, Cardeal Solano, legado de Sua Santidade, o Papa João Paulo II, e o Episcopado Católico celebraram Missa Congratulatória pelos 500 anos do Brasil⁴”*. Estiveram ali, pois, como legítimos representantes de Frei Henrique Soares de Coimbra e dos sacerdotes da esquadra de Pedro Álvares Cabral.

NO PRIMEIRO LIVRO ESCRITO NO BRASIL

O sinal da cruz sempre acompanhou os habitantes da terra e dele recolhemos notícia duzentos e quarenta e quatro anos após o feito cabralino.

“Exame de Artilheiros⁵”, primeiro livro escrito no Brasil, foi impresso em Lisboa na oficina tipográfica de José Antonio Plates, em 1744, com todas as licenças necessárias, exigências da época. A obra fora redigida no Rio de Janeiro por determinação de Gomes Freire de Andrada, Governador e Capitão

¹ - RODRIGUES, José Wash. PRIMEIRA MISSA NO BRASIL. In: CALMON, Pedro. História do Brasil, vol. I, pag. 61. RIO DE JANEIRO: Livraria Jose Olympio Editora, 1919.

² - CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El-Rei D. Manuel, de 1º de maio de 1500. In: CALMON, Pedro. História do Brasil, vol. I páginas 64 e 71. RIO DE JANEIRO: Livraria Jose Olympio Editora, 1919.

³ - Idem, pag.83.

⁴ - Disponível em: <http://i936.photobucket.com/albums/ad209/Rariosto/Coroa%20Vermelha%20-%20BA/P1000169.jpg>. Acesso em 11 de março de 2016.

⁵ - ALPOIM, José Fernandes Pinto. EXAME DE ARTILHEIROS. 1744. “Reprodução Fac-Similar”. RIO DE JANEIRO: Xerox do Brasil, 1987.

General das Capitanias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Seu autor foi o famoso engenheiro militar português José Fernandes Pinto Alpoim⁶ (1700-1765), natural de Viana do Castelo.

Alpoim viera para o Rio de Janeiro em decorrência de Ordem Régia de 1738 que instituiu a Aula do Terço de Artilharia e nomeou-o para seu mestre, com o posto de sargento-mór, major na hierarquia militar de nossos dias. Seu livro era um manual de instrução para soldados e oficiais do Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro, do qual são descendentes diretos e irmãos gêmeos: o 21º Grupo de Artilharia de Campanha (GAC), “Grupo Monte Bastione”, sediado em Niterói; e o 1º GAC de Selva, “Regimento Floriano”, com sede em Marabá.

“Exame de Artilheiros” é dividido em tratados, dos quais o terceiro aborda a artilharia propriamente dita, vale dizer canhões, munição, acessórios, emprego e tiro. Nessa última parte, Alpoim ensina: a *“nunca carregar a peça à vista do inimigo”*; e que, *“tendo todos os apetrechos à mão, em nome de Deus e da Senhora Santa Bárbara pegará o artilheiro da lanada”* para limpar a alma do canhão... *“feito o sinal da Cruz...”*⁷.

Eis que, séculos depois, aquela bênção de 1500 permanecia viva, invocada para proteger sucessivas gerações de artilheiros portugueses e brasileiros.

NO IMPÉRIO, A BANDEIRA NACIONAL

“Independência ou morte!”, bradou D. Pedro às quatro da tarde daquele memorável 7 de setembro de 1822, às margens do riacho Ipiranga, São Paulo. O Brasil emergiu soberano no panorama mundial e adotou por cores nacionais o verde da Casa de Bragança, a que pertencia D. Pedro I, e o amarelo da Casa de Habsburgo, de Dona Leopoldina, nossa primeira imperatriz.

*“Retângulo verde, nele inserido um losango amarelo-ouro; no centro encimado pela coroa real (substituída mais tarde pela coroa imperial), escudo também verde com esfera celeste enfeixando a cruz da Ordem de Cristo; em círculo azul-celeste, dezenove estrelas de prata representando as Províncias de que se compunha então o Império Brasileiro. Ladeando o escudo, um ramo de café com flores e outro de tabaco em flor, reunidos pela roseta nacional”*⁸. Eis a descrição da bandeira no Império, segundo desenho de Jean Baptiste Debret.

O Brasil despertara independente abençoado, uma vez mais, pela cruz da Ordem de Cristo, idêntica àquela levada a Coroa Vermelha por Pedro Álvares Cabral. Sob o sinal da cruz na bandeira, nossa pátria enfrentou as lutas pela consolidação da independência, revoltas internas e guerras externas, além de experimentar surtos de desenvolvimento econômico e intelectual e de abolir a escravatura. Sob o sinal da cruz chegaríamos à república, em 15 de novembro 1889.

NA REPÚBLICA, A BANDEIRA NACIONAL

O Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889⁹, redigido por Rui Barbosa, reza que: *“as cores de nossa antiga bandeira recordam as lutas e as vitórias gloriosas do exército e da armada na defesa da pátria”*; e que: *“... essas cores, independentemente da forma de governo, simbolizam a perpetuidade e a integridade da pátria entre as outras nações”*.

⁶ - Autor, em 13 de junho de 1741, de especificações para a construção da casa dos governadores de Minas Gerais, em Vila Rica. ALPOIM, José Fernandes Pinto. EXAME DE ARTILHEIROS. 1744. “Reprodução Fac-Similar”, Apêndice III. RIO DE JANEIRO: Xerox do Brasil, 1987.

⁷ - PARDAL, Paulo. ANÁLISE CRÍTICA. Página 47. In: ALPOIM, José Fernandes Pinto. EXAME DE ARTILHEIROS. 1744. “Reprodução Fac-Similar”. RIO DE JANEIRO: Xerox do Brasil, 1987.

⁸ - CALMON, Pedro. HISTÓRIA DO BRASIL, vol. V página 1530. RIO DE JANEIRO: Livraria Jose Olympio Editora, 1919.

⁹ - Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D0004.htm. Acesso em 24 de março de 2016. A grafia das transcrições foi atualizada.

Assim, “A bandeira adotada pela República mantém a tradição das antigas cores nacionais - verde e amarela - do seguinte modo: um losango amarelo em campo verde, tendo no meio a esfera celeste azul, atravessada por uma zona branca, [...] com a legenda - Ordem e Progresso - e pontuada por vinte e uma estrelas, entre as quais as da constelação do Cruzeiro, dispostas da sua situação astronômica, [...] representando os vinte Estados da República e o Município Neutro”.

O astrônomo Manuel Pereira Dias fora consultado para determinar a exata disposição das estrelas às nove¹⁰ horas do dia 15¹¹, doze horas do dia sideral¹². Pela disposição das constelações, eternizara-se o céu sobre a cidade do Rio de Janeiro como teria sido visto por um observador situado fora da esfera celeste.

No novel pavilhão, o Brasil seguiu abençoado pelo sinal da cruz, o Cruzeiro do Sul, única constelação expressamente citada no decreto do Governo Provisório da República. Indicador seguro de rumo a quem precisa se orientar, suas estrelas representam cinco estados – Bahia (Gama), Minas Gerais (Delta), Espírito Santo (Epsilon), São Paulo (Alfa) e Rio de Janeiro (Beta)¹³ – não apenas na bandeira, mas em dois outros símbolos nacionais instituídos no mesmo decreto.

NA REPÚBLICA, O SELO E AS ARMAS NACIONAIS

O Selo Nacional e as Armas Nacionais foram adotados pelo mesmo decreto que consagrou o pavilhão brasileiro. Em ambos os símbolos lá está o sinal da cruz nos abençoando.

No Selo Nacional, uma esfera celeste, igual à da bandeira, era envolvida pelas palavras República dos Estados Unidos do Brasil, hoje República Federativa do Brasil. É usado para autenticar atos de governo, diplomas e certificados expedidos pelos estabelecimentos de ensino.

As Armas Nacionais foram idealizadas pelo engenheiro Artur Zauer e desenhadas por Luís Gruden por encomenda do Presidente da República¹⁴. Pedro Calmon limitou-se a escrever que “*diz-se que o próprio Marechal Deodoro encomendou o desenho*”¹⁵ das Armas Nacionais nas quais, em campo azul celeste, destacam-se as cinco estrelas prateadas de nosso querido Cruzeiro do Sul. Esse símbolo se encontra: nos imóveis dos poderes executivo, legislativo e judiciário federais, estaduais e municipais; nos quartéis e armamentos das forças armadas e auxiliares; nas fortalezas e navios de guerra; e nos papéis de expediente, convites e publicações oficiais federais¹⁶.

No selo e nas armas, desde 19 de novembro de 1889, segue o sinal da cruz protegendo a nação, cruz plantada na Ilha de Vera Cruz.

NA VOZ DE MILHÕES

“*Ouviram do Ipiranga às margens plácidas [...] Se em teu formoso céu risonho e límpido, a imagem do Cruzeiro resplandece*” cantam os mais de duzentos milhões de brasileiros. Ao som de suas vibrantes vozes, a Nação evoca a Pátria e tem superado desafios, na paz e na guerra.

¹⁰ - CALMON, Pedro. HISTÓRIA DO BRASIL, vol. VI páginas 1904 e 1905. RIO DE JANEIRO: Livraria Jose Olympio Editora, 1919.

¹¹ - 8 horas e 30 minutos segundo a LEI Nº 5700, de 1 de setembro de 1971, Art. 3º § 1º. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5700.htm. Acesso em 23 de março de 2016.

¹² - FROTA, Guilherme de Andrea. QUINHENTOS ANOS DE HISTÓRIA DO BRASIL, pág. 484. RIO DE JANEIRO: Biblioteca do Exército Ed. 2000.

¹³ - FERNANDES, Aldo Demerval Rio Branco e outros. HISTÓRIA DO BRASIL - IMPÉRIO E REPÚBLICA, pag. 93. RIO DE JANEIRO: Biblioteca do Exército Ed. 2001.

¹⁴ - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_armas_do_Brasil. Acesso em 24 de março de 2016.

¹⁵ - CALMON, Pedro. HISTÓRIA DO BRASIL, vol. VI página 1906. RIO DE JANEIRO: Livraria Jose Olympio Editora, 1919.

¹⁶ - BRASIL. Lei Nº 5700, de 1 de setembro de 1971, artigos 7º e 26.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5700.htm. Acesso em 23 de março de 2016.

Ao maestro, compositor e professor carioca Francisco Manoel da Silva (1795 – 1865)¹⁷ devem os brasileiros a melodia que os empolga e arrepiá. Composta em 1822 para comemorar a independência do Brasil, chamara-se *Marcha Triunfal*. Adotado como hino nacional era executado durante o segundo reinado em todas as solenidades oficiais em que estivesse presente o Imperador¹⁸.

Proclamada a república, organizou-se um concurso para a escolha de novo hino. A peça vencedora foi hostilizada pelo público e pelo próprio Marechal Deodoro que, por meio do Decreto nº 171 (20 de janeiro de 1890) conservou como hino nacional a composição de Francisco Manuel da Silva¹⁹, ainda sem letra.

Os autores da música e da letra do Hino Nacional não se conheceram. Fluminense de Vassouras, Osório Duque Estrada (1870 – 1827) foi poeta, diplomata, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras. É de sua autoria aquele poema arrebatador composto em 1909, adquirido e oficializado 6 de setembro de 1922, véspera do centenário de nossa independência²⁰.

Desde então, o sinal da cruz tem resplandecido em nosso formoso céu, risonho e límpido.

NA II GUERRA MUNDIAL, COM A FEB E A FAB

Nossos bravos pracinhas e aviadores transpuseram o Atlântico, cruzaram o Equador e integraram-se a veteranas forças aliadas no teatro de operações do Mediterrâneo. Combateram nos céus, nos vales e nas montanhas da Itália. Lutaram na neve, com poeira, chuva e lama. Seus feitos de armas escreveram com letras de ouro Camaiore e Monte Prano, Monte Castelo e Castelnuovo, Montese e Zoca, Collecchio e Fornovo nas páginas da história pátria. Venceram e, ainda hoje, são honrados pelas autoridades e povo italiano das regiões que libertaram da tirania opressora dos inimigos alemão e fascista.

Bateram-se permanentemente sob o sinal da cruz. Suas aeronaves e viaturas ostentavam o *Cruzeiro do Sul*, insígnia que os distinguia dentre os aliados. Escolha abençoada.

Vibrantes e emocionados, entoaram a famosa *Canção do Expedicionário*: “*Você sabe de onde eu venho? [...] Venho de além desse monte [...] Do azul mais cheio de luz [...] Cheio de estrelas prateadas, Que se ajoelham desdobradas, Fazendo o sinal da Cruz*”²¹!”. Muitos fecundaram o solo italiano com seu precioso sangue, mas muitos outros retornaram trazendo por divisa o “V” que simbolizou a vitória que conquistaram. E porque venceram, podemos celebrá-los, decantar seus feitos, apresentá-los como exemplos aos mais novos, honrá-los, divulgar suas façanhas e evocá-los nas casernas e praças públicas, pelo canto entusiasmado da bela *Canção do Expedicionário*.

A BÊNÇÃO DO SINAL DA CRUZ

A cruz permanece altaneira e sólida em Coroa Vermelha. Atrai todos os que dela se aproximam e a admiram. Quantos brasileiros e turistas estrangeiros já terão feito e farão suas preces aos pés do monumento?

A cruz foi evocada pelas guarnições dos canhões, no século XVIII, como registrou e ensinou Alpoim em sua célebre obra “*Exame de Artilheiros*”, primeiro livro escrito no Brasil. A Senhora Santa Bárbara

¹⁷ - Disponível em: http://www.e-biografias.net/francisco_manoel_silva/. Acesso em: 28 de março de 2016.

¹⁸ - Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_Nacional_Brasileiro. Acesso em: 28 de março de 2016.

¹⁹ - BRASIL, Decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1889, § 1º. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D171.htm. Acesso em: 28 de março de 2016.

²⁰ - BRASIL, Decreto 15671, de 6 de setembro de 1922. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15671-6-setembro-1922-487497-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 28 de março de 2016.

²¹ - Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/midia-eletronica/hinos-e-cancoes3/>. Acesso em: 28 de março de 2016. A letra é de Guilherme de Andrade de Almeida, paulista, natural de Campinas; e a música de Spartaco Rossi, também paulista.

continua a proteger seus artilheiros em pleno século XXI, não apenas em nosso país, mas em tantos exércitos ocidentais. Que não lhe faltem as rosas amarelas²².

A cruz esteve presente nos pavilhões nacionais, desde a independência, a começar pela da Ordem de Cristo e que se seguiu a do Cruzeiro do Sul. A república adotou esta última nas armas, no selo e na letra do Hino Nacional. E não poderia ser de outra forma em nação majoritariamente cristã.

A cruz acompanhou nossos pracinhas e aviadores na campanha da Itália. Protegeu-os e conduziu-os à vitória final. A Canção do Expedicionário, ainda hoje, faz arder de vibração os que a entoam nos quartéis e em praças públicas, como em São João del Rei, onde populares cantam-na a cada comemoração das vitórias da Força Expedicionária Brasileira.

Os dias desafiadores por que passa nossa Pátria motivam-me a refletir com os leitores a oração do Sua Santidade, o Papa Francisco, ao final da via sacra de 2016, “Cruzes que atormentam o mundo²³”. Duas parecem que inspiradas e dirigidas a maus brasileiros.

“Ó Cruz de Cristo, vemos-te ainda hoje naqueles que querem tirar-te dos lugares públicos e excluir-te da vida pública, em nome de certo paganismo laicista ou mesmo em nome da igualdade que tu própria nos ensinaste”.

“Ó Cruz de Cristo, vemos-te ainda hoje nos ladrões e nos corruptos que, em vez de salvaguardar o bem-comum e a ética, vendem-se no miserável mercado da imoralidade”.

Ao final de nossa reflexão renovemos a esperança. Como nação cristã, não há razão para desânimo. Após quinhentos e dezesseis anos basta-nos proclamar: “Sob o sinal da cruz... Brasil”!

Gen Ex Paulo Cesar de Castro

Acadêmico emérito da FAHIMTB

²² - Santa Bárbara é a padroeira da Arma de Artilharia no Brasil e em muitos outros exércitos ocidentais. A tradição recomenda ofertar-lhe rosas amarelas, em geral às vésperas de solenidades e exercícios no terreno (nota do autor).

²³ - Disponível em: <http://www.news.va/pt/news/via-sacra-cruzes-que-atormentam-o-mundo-na-oracao>. Acesso em: 29 de março de 2016.